

Os que resistem, perduram

Siphiwe Baleka¹

SINTIDUS

Resumo

Preocupado com a história perdida da minha família, devido ao tráfico criminoso europeu e americano de africanos e à sua escravização, eu, Siphiwe Baleka, no meu livro *Balantas B'urassa, My Sons: Those Who Resist Remain* usei investigação de ADN e uma releitura da história africana para apresentar uma narrativa acerca do povo balanta.

A minha investigação é apresentada sob a forma de carta dirigida aos meus filhos. A minha história e o meu trabalho são importantes para os afrodescendentes cujos antepassados foram vítimas da escravatura estado-unidense, e cujos descendentes foram sujeitos a uma integração forçada à custa do apagamento da sua cultura ancestral, tradições, narrativas e histórias, filosofias, criações, línguas, e até dos seus nomes.

Palavras-chave

identidade; ascendência genética; tráfico escravagista transatlântico; balantas; migrações.

Manuscrito submetido a 13 de junho de 2019

Aceite a 15 de dezembro de 2020

Publicado online a 30 de dezembro de 2020



Política de Privacidade
CC-BY-NC | Open Access
Creative Commons

¹ investigador independente | balantasociety@gmail.com

*Kin ku ta luta, ta tarda na mundu*²

Siphiwe Baleka

Rusumu

Sintidu kansal ku manera ku storia di si familia pirdi. I pirdi pabia di trafiku kriminus ku fasidu pa oropeu ku merkanu i ku pui pa pekaduris afrikanu pudu suma catibu. Siphiwe Baleka, na si libru *Balantas B'urassa, My Sons: Those Who Resist Remain* fasi un piskiza di ADN, i djuntal ku si ideia sobri di storia afrikanu pa tenta konta storia di balanta. Es testu di Baleka i ta purzentadu suma un karta ku skirbidu pa se fidjus. Si storia ku si tarbadju tene balur pa fidju di Afrika ku padidu na utru ladu i ku se garandis sedu vitima di katiberasku merkanu. Se fidjus sufri integrason forsidjadu nunde ki e forsadu diskisi se kultura antigu, se us, se pasada ku se storia, se filuzufia, kusas ki e fasi, lingua, te se nomis tudu e forsadu diskisi.

Nomi-tchabi

identidadi; jinetika di garandis;
trafiku di katiberasku tranzatlantiku; balanta; migrason.

² Nota de edição: A ortografia do kriol segue o modelo proposto em Scantamburlo, L., *Dicionário do Guineense*, Vol. 2 (FASPEBI, Bubaque, 2002) e em Scantamburlo, L., *O Léxico do Crioulo Guineense e as suas Relações com o Português* (Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013).

No dia 28 de setembro de 2010, recebi uma carta da empresa de investigação genética *African Ancestry Incorporated* que referia o seguinte:

Caro Sr. Baleka, temos o prazer de o informar que a nossa análise PatriClan™ identificou com sucesso a sua ascendência genética [...] Os marcadores do ADN do cromossoma Y que determinámos a partir da sua amostra provam que partilha ascendência com as pessoas da etnia balanta na atual Guiné-Bissau.

A sequência do polimorfismo do cromossoma Y (NRY) continha marcadores que são 100% semelhantes aos que foram encontrados nos balantas (Figura 1). Tal como Alex Haley, autor do clássico de 1976, *Roots: The Saga of an American Family*, eu tinha, pois, encontrado os meus antepassados remotos, as minhas raízes. Em que medida é que isso me marcou? Como é que essa descoberta irá afetar os meus filhos e os seus filhos? Como é que este tipo de informação se reflete nas pessoas balanta?

A minha história

Eu sou a união da minha mãe e do meu pai. Foi assim que surgi. O meu pai deixou a sua semente no ventre da minha mãe, que a criou durante nove meses, e depois eu nasci. Todo o ser humano que já alguma vez existiu nasceu dessa união. O sangue que circula no meu corpo foi-me dado pela minha mãe e pelo meu pai. A força da vida, o sopro de vida, bem como as instruções genéticas que são responsáveis por esta que é a minha vida – recebi-as da minha mãe e do meu pai. Logo, a minha mãe e o meu pai vivem dentro de mim. Porque tal facto também se aplica à minha mãe e ao meu pai – o de que a mãe e o pai de cada um deles vivem dentro deles – então este princípio também é verdade em relação aos meus avós – o sangue deles, a sua força de vida, o seu sopro de vida, e as suas instruções genéticas, também fazem parte de quem eu sou. Assim sendo, todos os meus antepassados, trago-os dentro de mim. O meu sangue, a minha força de vida, o meu sopro de vida e a minha combinação genética representam todos os meus antepassados que vivem dentro de mim. Logo, a minha vida não me pertence só a mim. Todos os meus antepassados dependem de mim para existirem.

A minha vida não me pertence só a mim.

Porque eu estou ligado aos meus antepassados tenho de saber quem são e o que esperam de mim e, por causa da vida que eles partilham comigo, tenho que saber o que devo fazer. Então fui à procura da história dos meus antepassados do lado paterno – isto é, a história do pai do pai do meu pai, etc. Assim que eu saiba e compreenda tudo nunca mais me poderei perder. Isto porque os espíritos dos meus

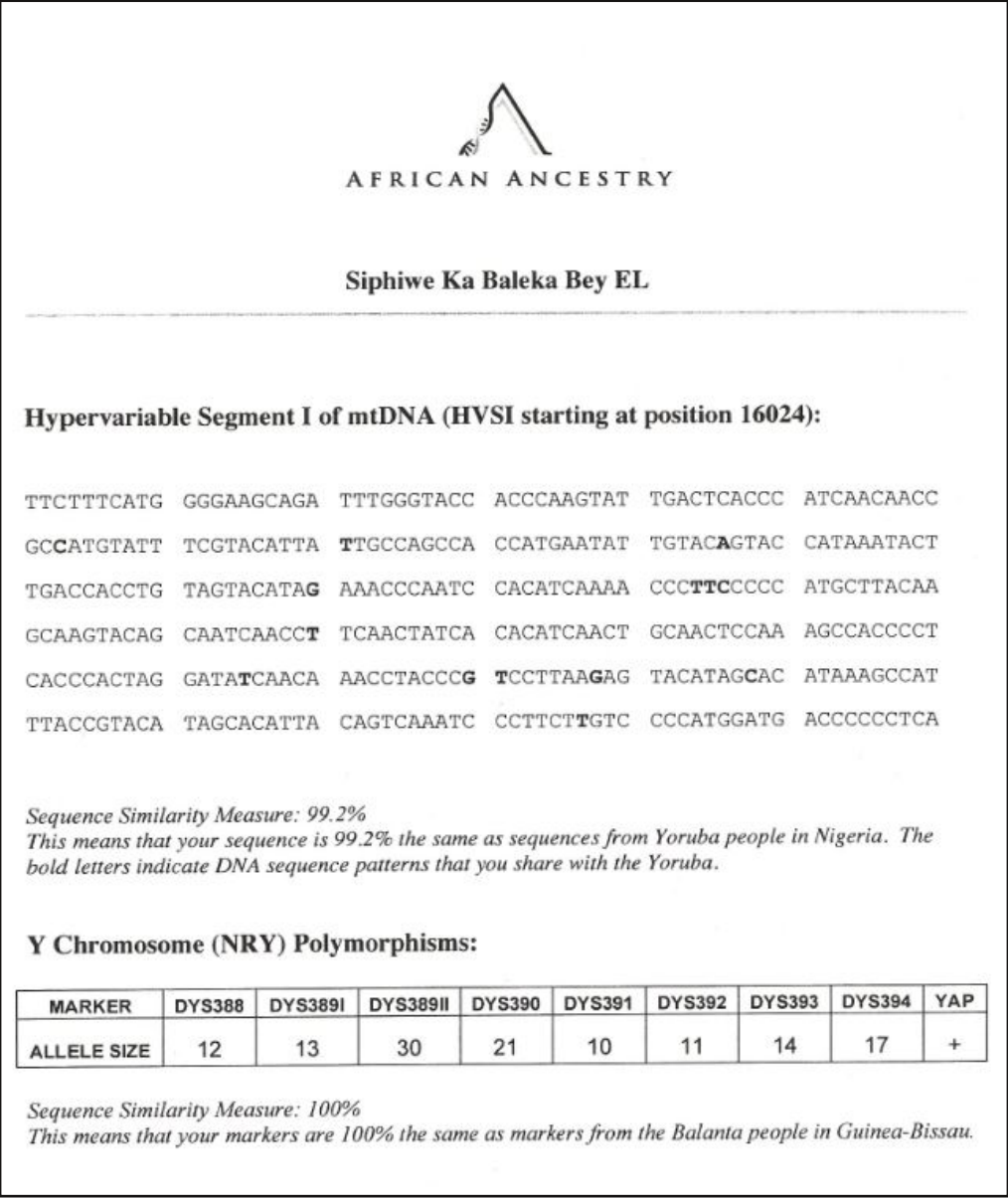


Figura 1 – Medida de semelhança de seqüências de ancestralidade africana (*African ancestry sequence similarity measure*).

antepassados que vivem no mundo ancestral olharão por mim, guiar-me-ão, hão de proteger-me e comunicar comigo para que seja bem-sucedido. Só preciso de saber quem são e de os escutar quando eles falarem comigo.



Figura 2 – Em Cacheu.

Quem são os meus antepassados? Quem foi o meu primeiro pai? Onde é que ele viveu e o que fazia? O meu pai nunca discutiu estas coisas comigo, por isso, quando era menino, não sabia qual era a resposta. Contudo, em 1976, tinha eu apenas cinco anos, foi publicado um livro intitulado *Roots: The Saga of an American Family*. Um homem chamado Alex Haley queria uma resposta para as mesmas perguntas que eu acabo de fazer. Ele queria saber quem foram os seus antepassados e de onde tinham vindo. Haley alegou que tinha pesquisado muito e que soubera que a sua família veio de um lugar hoje chamado Gâmbia na costa ocidental africana. O livro que ele escreveu narrou a história do seu antepassado, Kunta Kinte, um guerreiro do povo mandinga, que tinha sido capturado por um grupo de homens negros que trabalhavam para uns homens brancos. Esses homens brancos venderam Kunta a traficantes de escravos que o acorrentaram e o puseram num barco que navegou durante três meses até chegar a Maryland nos Estados Unidos. Kunta foi de novo vendido e levado para uma plantação na Virgínia. Na plantação, Kunta foi amarrado a uma árvore e chicoteado repetidamente até desistir do seu nome africano e aceitar o nome do homem branco: Toby.



Figura 3 – Em Cacheu.

O livro deu origem a um filme que passou na televisão e que foi visionado por 130 milhões de pessoas nos Estados Unidos, incluindo eu. Foi assim que aprendi sobre África e algo sobre as pessoas negras, e sobre o que se poderá ter passado com os meus antepassados. Veio a saber-se que Haley inventou detalhes da história, mas a verdade é que o seu trabalho marcou profundamente. Apesar de não conhecer a

história dos meus antepassados, sei que alguém da minha família foi trazido para a América do Norte e foi escravizado. A razão pela qual o meu pai não sabia quando ou como é que o seu antepassado viera para a América deve-se ao facto de que a partir do momento em que esse antepassado foi trazido para cá, ele deixou de poder falar a sua língua, de usar o seu nome, ou de praticar a sua espiritualidade e cultura. Passaram apenas algumas gerações e a minha família já se tinha esquecido disso. Esta é a situação da maior parte das pessoas negras nos Estados Unidos.

Quando eu já tinha mais idade e já estudava na Yale University estas questões tornaram-se importantes para mim. Também eu queria conhecer a história da minha família, por isso comecei a fazer a minha própria pesquisa. Em criança não me tinha interessado pela história da minha família. Eu tinha vergonha de termos sido escravos.

Quando era criança, o meu pai, a minha mãe, a minha irmã e eu éramos uma das duas famílias negras a morar numa vila onde todos os outros eram brancos. Quando passaram *Roots* na televisão em 1977 eu não queria ir para a escola. Foi a primeira vez que tomei consciência de que havia diferença entre pessoas negras e pessoas brancas. E que as pessoas brancas eram mais poderosas. Chama-se supremacia branca. Consequentemente, as pessoas negras foram forçadas a sentir-se menos importantes, menos inteligentes e inferiores. De certa forma, dentro de mim, sentia-me envergonhado, mas decidi que havia de provar que não era inferior. Eu não quero que os meus filhos alguma vez sintam essa inferioridade e vergonha. Esta é outra razão pela qual estou a procurar a antiga história dos balantas que não foi registada por escrito.

Quem foram os meus antepassados balantas?

Quem são os meus antepassados? Denominam-se a si próprios “*b’urrrasa*”, mas hoje em dia são conhecidos pelo nome “balantas”. É comum afirmar-se que migraram para a costa da Guiné para escapar ao domínio dos mandingas do Império de Gabu (Rodney, 1970; Barry, 1998; Hawthorne, 2003). Onde estavam num tempo anterior ao século X e como chegaram ali? O historiador Molefi Asante afirma que “apesar de os balantas estarem associados às regiões costeiras da África Ocidental, sabe-se que eles migraram do leste, possivelmente da região do Vale do Nilo da costa oriental de África” (Asante & Mazama, 2009, p. 93). Recentes estudos genéticos sugerem algumas ideias acerca da sua origem:

A origem dos balantas é incerta. Alguns autores encontram afinidades linguísticas com os sudaneses, dos quais se poderão ter separado há 2000 anos atrás devido à primeira dispersão das migrações cuxitas (Quintino, 1964). Segundo Stuhlmann (1910), o grupo deriva de um ramo banto, que se separou no Pleistoceno próximo do Nilo.³ (como citado em Rosa, 2004, p. 341)

Um intrigante aumento da frequência do L0a1 nos balanta pode igualar o A1-M31 e o A3b2-M13 dos cromossomas Y na representação de traços próprios da África oriental. Apesar do haplótipo fundador L0a1 ser partilhado num corredor leste-oeste, as linhagens emergentes são exclusivas dos guineenses, o que indica uma rápida dispersão e expansão local depois da sua chegada. Estes elementos podem, portanto, refletir a chegada dos seus antepassados no Holoceno (há cerca de sete mil anos). Além do mais, as correspondências exactas encontradas entre pessoas balanta e norte-africanos nos haplogrupos L2a, L2b e L3b podem representar evidências do seu contacto e longa residência no território. As linhagens L3e4, que se acredita serem um sinal da expansão ocidental da produção agrícola e a fundição do ferro, expressam-se com frequência moderada, 8%, nos balanta.⁴ (Rosa *et al.*, 2007, p. 7)

[...] o resultado mais importante foi o de que os balanta, os papel e os felupe-djola são os únicos grupos da Guiné-Bissau que mostram a “genuína” herança da África Oriental (os ADN mitocondriais L0a, L3e, L3f1 e L3h, combinados com o A1, A3b2, E3* e E3b* dos cromossomas Y), reforçam ainda mais a hipótese da sua origem na África Oriental.⁵ (Rosa, 2007, p. 138)

³ Traduzido do original: “*The origin of the Balantas is uncertain. Some see language affinities with the Sudanese from whom they could have separated 2000 years ago with the first spread of kushites migrations (Quintino, 1964). According to Stuhlmann (1910), the group derives from a Bantu branch, which separated in the Pleistocene near the Nile.*”).

⁴ Traduzido do original: “*An intriguing increased frequency of L0a1 in the Balanta might parallel A1-M31 and A3b2-M13 Y chromosomes in representing East African traces. Although the founder L0a1 haplotype is shared in an east-to-west corridor, the emerging lineages are exclusive of Guineans, indicating a rapid spread and local expansion after arrival. These may therefore reflect the arrival of their ancestors in the Holocene (at about 7 kya). Moreover, the exact matches found between Balanta and North Africans in haplogroups L2a, L2b and L3b may represent evidence for their contact and long residence in the territory. L3e4 lineages, thought to signal the western expansion of food-production and iron-smelting, show a moderate frequency of 8% in the Balanta.*”.

⁵ Traduzido do original: “*The most important finding is that Balanta, Papel and Felupe-Djola are the only people in Guinea-Bissau to show “pure” East African inheritance (L0a, L3e, L3f1 and L3h mtDNAs, combined with A1, A3b2, E3* and E3b* Y chromosomes), further supporting their East African origin*”

Embora em baixas frequências (3-5%), a presença de linhagens do haplogrupo M1 que têm origem na África Oriental, em grupos guineenses com afinidades linguísticas com a superfamília bak incluindo as línguas balanta, baiote e ejamat, apoia a sugestão anterior da possível origem sudanesa da população balanta e da sua expansão para a África Ocidental com os migrantes cuxitas, aproximadamente 2000 anos atrás.⁶ (Rosa, 2007, p. 350)

Qualquer ligação entre os falantes balanta e os falantes sudaneses é traçável apenas a partir dos A3b2-M13 e E3* dos cromossomas Y.⁷ (Rosa *et al.* 2007, p. 4)

Apesar de não existirem indicações arqueológicas sólidas de que no início do Holoceno o sorgo e o painço estivessem a ser cultivados, a dispersão de povos sudaneses nessa altura poderá ser um exemplo de dispersão do cultivo e da língua (Ehret, 1997, 2003). Essa dispersão poder-se-á ter estendido a todo o Saara, incluindo o Saara Ocidental, com transferências posteriores para os falantes das línguas nigero-congolesas (Bellwood, 2005). No enquadramento deste modelo, a que se junta a evidência genética, a origem sudanesa dos balanta ganha peso. Uma origem comum com os banto, um dos povos mais notáveis no contexto agrícola subsaariano, pode sugerir que diferentes povos aprenderam técnicas agrícolas em conjunto e, deste modo, explicar a expansão observada no grupo genético paterno dos balantas.⁸ (Citado em Rosa, 2007, p. 145)

Nos guineenses o haplogrupo L0 está representado apenas pelo grupo-filho L0a1 em frequências marginais que variam entre 1 e 5%, em contraste com a frequência com que ocorre em populações da África Oriental (por exemplo, 25% em Moçambique: Watson *et al.*, 1997;

⁶ Traduzido do original: “*The finding of haplogroup M1 lineages of East African origin, albeit at low frequencies (3-5%) in Guinean groups with linguistic affinities to the Bak superfamily including Balanta, Baiote and Ejamat languages, supports the earlier suggestion of a Sudanese origin of the Balanta population and their spread to Western Africa with kushitic migrants approximately 2000 year ago*”.

⁷ Traduzido do original: “*Any association of Balanta to the Sudanese speakers is traceable only in the A3b2-M13 and E3* Y chromosomes*”.

⁸ Traduzido do original: “*Even if there are no firm archaeological indications that early Holocene sorghum or millets were being domesticated, the spread of the Sudanic people at that time may be an example of farming/language dispersal (Ehret 1997, Ehret 2003). This dispersal could have extended to all the Sahara, including West Sahara, with later introgressions to the Niger-Congo speakers (Bellwood 2005). Under such model, and together with the genetic evidence, the Balanta’s Sudanese origin gains relevance. A common origin with the Bantu, one of most notable people in the sub-Saharan agricultural context, may suggest that different peoples jointly learnt agricultural techniques, and thus be a support for the expansion observed in the paternal pool of the Balanta*”.

Pereira *et al.*, 2001; Salas *et al.*, 2002). Interessante que apenas os balanta, um grupo que afirma ser de origem sudanesa, tenham revelado uma frequência reforçada deste clado (11%). O haplogrupo L0a apresenta uma profundidade temporal paleolítica nas populações da África Oriental (de 33,000 anos, Salas *et al.*, 2002).⁹ (como citado em Rosa, 2004, p. 345)

[...] M1 no grupo balanta-djola sugere uma correlação entre a filiação genética e linguística das populações guineenses. A presença de M1 nas populações balanta reforça a sugestão anterior da sua origem sudanesa.¹⁰ (Rosa, 2004, p. 340)

No início do século XVI Valentim Fernandes refere que havia pouca estratificação na sociedade balanta, em vez disso, todos trabalhavam nos campos, sem a presença de uma classe governante ou famílias que não participassem no trabalho diário (como citado em Hawthorne, 2003, p. 33).

Foi a guerra santa portuguesa cristã e a expansão económica pré-capitalista, iniciada em 1424, logo depois seguida pelos britânicos e americanos, que haveria de dispersar a minha família.

O regresso

Em janeiro de 2020, tornei-me o primeiro membro da minha família a regressar, depois de 250 anos, à nossa terra ancestral. Encontrei-me com o conselho de *garandis* de B'alante N'dang e visitei o Memorial da Escravatura e do Tráfico Negreiro em Cacheu. Chorei. O diretor do museu explicou-me que alguns balanta atravessavam o rio a nadar e que às vezes não os conseguiam ver. Apareceu a ideia de que as pessoas balanta se poderiam transformar em crocodilos. Uma vez que George desaparecera pelo grande oceano, prestei-lhe homenagem com o nome Brassá Nchabra. Imaginei o momento da sua partida, os últimos pensamentos traumatizados e aterrorizados do rapaz ao deixar a sua família e a sua casa: “se pudesse simplesmente saltar borda fora e nadar de volta”.

⁹ Traduzido do original: “Haplogroup L0 was represented in Guineans only by its daughter group L0a1 showing marginal frequencies ranging from 1% to 5% (Table 2), in contrast to its frequency in East African populations (e.g. 25% in Mozambique: Watson et al. 1997; Pereira et al. 2001; Salas et al. 2002). Interestingly, only the Balanta, a group claiming Sudanese origin, showed an increased frequency of this clade (11%). Haplogroup L0a has a Paleolithic time depth in East African populations (33,000 year old, Salas et al. 2002)”.

¹⁰ Traduzido do original: “M1 in the Balanta-Djola group, suggests a correlation between the genetic and linguistic affiliation of Guinean populations. The presence of M1 in Balanta populations supports the earlier suggestion of their Sudanese origin”.

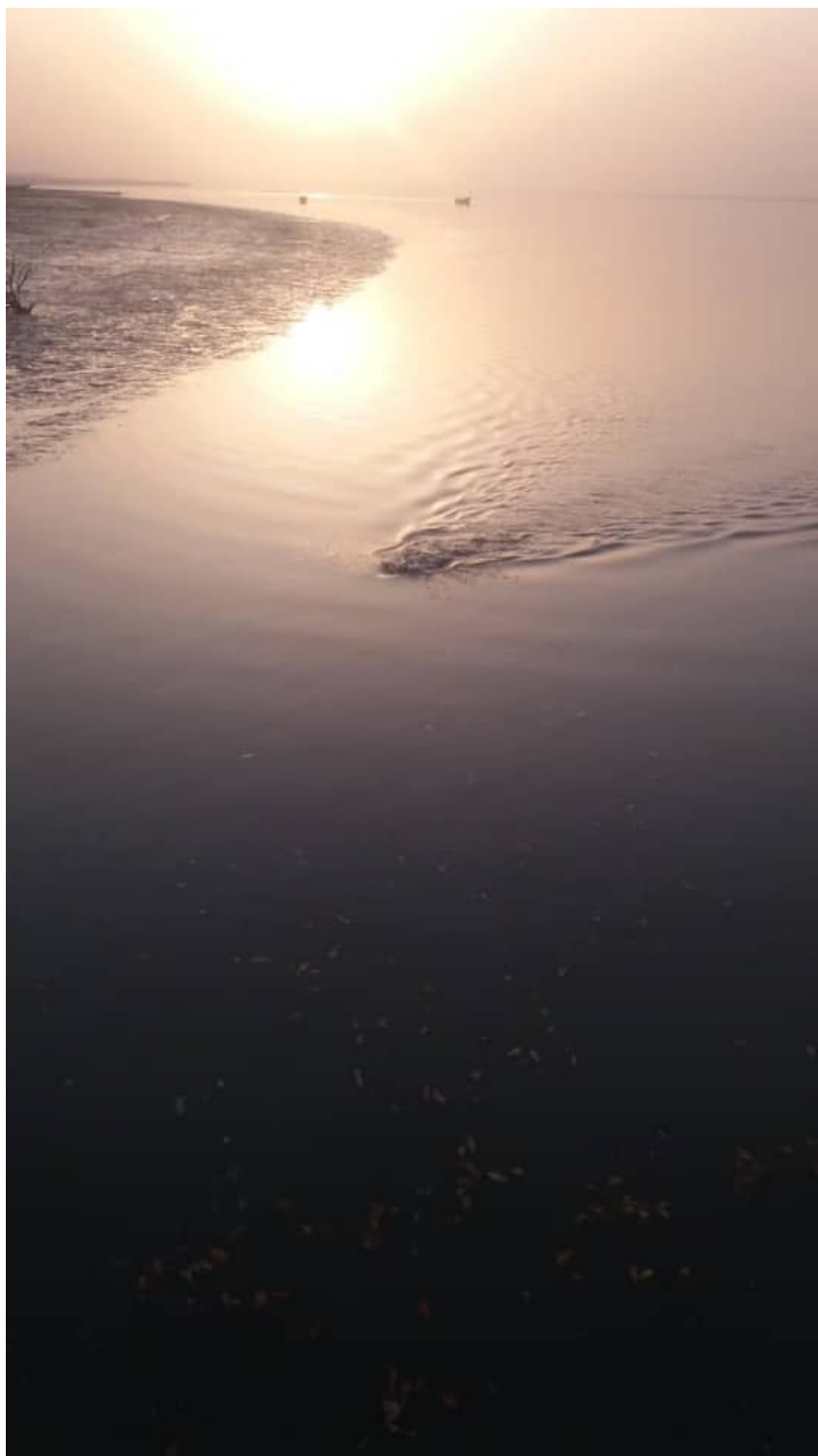


Figura 4 – A nadar em Cacheu.

No meu pensamento, o meu regresso a Cacheu era para trazer paz e sossego ao espírito de Brassa Nhabra. Entrei na água e nadei de oeste a leste falando com ele na minha mente enquanto nadava. Curei os nossos dois espíritos.



Figura 5 – Siphiwe Baleka no rio em Cacheu.

Isto é o que se entende pela Década do Regresso. Nos Estados Unidos, estamos a organizar o retorno à Guiné-Bissau dos descendentes balanta, fula, mandinga, papel, mandjaco, beafada, mancanha, bijagó, felupe, mansoanca, e outros. A libertação e independência da Guiné-Bissau ficará completa quando os seus filhos perdidos tenham voltado a casa e os espíritos dos seus ancestrais que foram capturados tenham sido finalmente lembrados, homenageados e consentido o seu descanso.



Figuras 6 e 7 – Forte de Cacheu (cima) e Porto de Cacheu (baixo).

Conclusão

A 9 de agosto de 1874, meu tio-trisavô Eustace Lewis Blake contou:

Os nossos antepassados foram George, Jack, Yancy. Yancy Blake casou com Melissa Page. Yancy teve nove filhos com Melissa. Dois rapazes e sete raparigas. Os rapazes: Yancy Jr. e John Addison (o avô de Eustace). Durante a Guerra Civil um grupo de soldados confederados passou pela casa do meu avô (Yancy Blake), Yancy Blake Jr. juntou-se a eles, e nunca mais se soube dele.

O registo de nascimento oficial mostra que Yancy Blake nasceu em 1819. Não há registos relativos a Jack e a George. George é então a primeira referência conhecida da minha família nos Estados Unidos. Se pensarmos que Jack teria cerca de 30 anos quando nasceu o seu filho Yancy Blake na Carolina do Norte, ele terá então nascido por volta de 1789. Agora, se George tinha aproximadamente trinta anos quando o seu filho Jack nasceu, isso significa que o nascimento de George ocorreu por volta de 1759. A minha ideia é a de que a minha família (George e/ou a sua mãe ou o seu pai) foi trazida da costa da Guiné entre 1750 e 1780.



Figura 8 – Vista para o mar a partir do Forte de Cacheu.

Se George é, na verdade, o primeiro dos meus antepassados balanta a chegar à América do Norte, então a sua chegada deve ter acontecido entre 1760 e 1780. No período de 1751 a 1775, navios negreiros trouxeram 135 294 pessoas embarcadas na Senegâmbia e nas ilhas atlânticas ao largo da costa. Entre 1776 e 1800 foram trazidas outras 84 920 pessoas (Voyages Database, 2009). Dos 171 538 cativos que desembarcaram nas Carolinas, 54 425, ou seja 32%, embarcaram em navios negreiros na chamada “Costa do Arroz” (Horhn, 2016). É provável que o tetravô George fosse uma dessas pessoas. Estudos recentes dão conta de que na década de 1770 cerca de um terço das pessoas escravizadas na Carolina do Norte tenham nascido em África. Grande parte veio das regiões costeiras da Guiné, incluindo de áreas habitadas pelos balanta. Horhn (2016) refere o seguinte acerca dessas pessoas escravizadas:

Cativos africanos traficados para os territórios da Carolina do Norte e Virgínia eram muitas vezes procurados devido às especificidades culturais ligadas às competências agrícolas. Várias etnias ganharam reputação de maestria no cultivo de arroz e na agricultura costeira, especialmente as provenientes das sociedades costeiras sem estado na Guiné-Bissau e Senegâmbia. Cativos africanos cujas inovações culturais enriqueceram a cultura agrícola da sociedade escravagista anterior à guerra também usaram essa cultura para escapar da escravatura. Grupos étnicos como os igbo e os balanta eram reconhecidos pela sua resistência militante contra a escravatura, como também o eram pelas contribuições à eficiência agrícola das economias de plantação.¹¹ (p. 2) A sua presença na América do Norte não só contribuiu para a transformação na indústria do arroz, como também afetou a economia política americana dos primeiros anos, quando cativos africanos fugitivos começaram a formar comunidades *maroon*.¹² (p. 64)

¹¹ Traduzido do original: “*African captives who were trafficked to the North Carolina and Virginia territories were often sought for their culturally specific agricultural skills. Various ethnicities gained reputations as great rice cultivators and coastal agriculturalists, especially those drawn from the stateless coastal societies of Guinea Bissau and Senegambia. African captives whose cultural innovations enriched the farming culture of antebellum slave society also used that culture to escape slavery. Ethnic groups such as the Igbo and Balanta, were as much known for their militant resistance to slavery, as they were for their contributions to the agricultural efficiency of plantation economies*”.

¹² Traduzido do original: “*Their presence in North America not only brought change to rice industry, but also affected the political economy of early America, when escaped African captives began to form maroon societies*”.



Figura 9 – Sippiwe em Cacheu.

O primeiro volume de *Balantas B'urassa, My Sons* documenta a história dos meus antepassados balantas, da sua origem à sua fixação em Ta-Nihisi. O volume II documenta a sua migração de Ta-Nihisi para Nhacra, e o volume III documenta a história da minha família de Nhacra, passando pelo tráfico de George, até ao presente. Escritos em forma de carta dirigida aos meus filhos TaNihisi de sete anos de idade e TaMeri com quatro anos, a obra dividida em três volumes declara o seguinte:

Porque vocês vivem nos Estados Unidos da América, a terra da escravidão dos nossos antepassados, é responsabilidade minha educar-vos e ter a certeza de que vocês compreendem a história do mundo, como o mundo funciona e qual o vosso lugar nele. A educação que

vocês recebem na escolas americanas, e da parte dos meios do comunicação, não vos vai informar sobre isto porque essa educação é baseada num sistema de supremacia branca. O sistema não vos vai ensinar a verdade. Ao sistema educativo estado-unidense não interessa que vocês saibam a verdadeira história. De facto, esse sistema tem sido usado para vos magoar, para esconder de vocês o que vocês precisam de saber de modo a poderem cumprir o que Deus determinou. Daí que eu tenha decidido preparar este livro dirigido a ambos, e a todos os descendentes vivos de Yancy (Blake) Baleka, o vosso tetravô. (Baleka, 2019)

Referências bibliográficas

- Asante, M. K., & Mazama, A. (2009). *Encyclopedia of African religion* (Vol. 1). SAGE Publications.
- Baleka, S. (2019). *Balantas b'urassa, my sons: Those who resist remain* (Vols. I-III). Balantas B'urassa Press.
- Barry, B. (1998). *Senegambia and the Atlantic slave trade*. Cambridge University Press.
- Haley, A. (1976). *Roots: The saga of an American family*. Doubleday.
- Hawthorne, W. (2003). *Planting rice and harvesting slaves: Transformations along the Guinea-Bissau Coast, 1400-1900*. Heinemann.
- Horhn, J. (2016). *They had no king: Ella Baker and the politics of decentralized organization among African-descended populations*. Dissertação de mestrado, Georgia State University, USA.
- Rodney, W. (1970). *A history of the Upper Guinea Coast: 1545 to 1800*. Monthly Review Press.
- Rosa, A., Brehm, A., Kivisild, T., Metspalu, E., & Villems, R. (2004). MtDNA profile of West Africa Guineans: Towards a better understanding of the Senegambia region. *Annals of Human Genetics*, 68(4), 340-352.
- Rosa, A. (2007). *Phylogenetic structure of Guinea-Bissau ethnic groups for mitochondrial DNA and Y chromosome genetic systems*. Dissertação de doutoramento, Universidade da Madeira, Portugal. <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/38?locale=en>
- Rosa, A., Ornelas, C., Jobling, M. A., Brehm, A., & Villems, R. (2007). *Y-chromosomal diversity in the population of Guinea-Bissau: A multiethnic perspective*. *BMC Evolutionary Biology*, 7(124), 1-11.
- Voyages Database. (2009). *Voyages: The trans-Atlantic slave trade database*. <https://www.slavevoyages.org>